

Marcílio quer desconto de 35% e prazo longo na negociação com os bancos

por Eugênia Lopes
de Brasília

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, quer um "bom desconto" na negociação da dívida externa do País com o comitê de bancos credores. O ministro espera uma redução de 35% no estoque da dívida — os papéis da dívida brasileira estão sendo negociados no mercado secundário ao preço de 33,12% do valor de face (ver matéria na página 34) — e condições de prazo entre vinte e trinta anos. Esse perfil, como acredita Marcílio, "vai dar tranquilidade para podermos voltar nossas vistas para o investimento, para captação de mais recursos.

O ministro afirmou ontem que o acordo para o reescalonamento da dívida oficial brasileira fechado com o Clube de Paris está perfeitamente dentro dos parâmetros da capacidade de pagamento do Brasil. "Foi uma negociação difícil, mas ela estava dentro das nossas previsões", sinalizou.

Pelo acordo firmado anteontem com o Clube de Paris, o Brasil compromete-se a pagar, nos próximos dois anos, US\$ 4,1 bilhões aos credores oficiais — o equivalente a cerca da metade dos atrasados acumulados —, em vez dos US\$ 13,5 bilhões que deveria pagar caso não houvesse negociação. "Isso foi um passo essencial, crucial para a normalização das nossas relações financeiras, que nos abrirá os caminhos, as portas do capital internacional, tanto oficial como privado", observou Marcílio.

Na avaliação do ministro da Economia, o próximo passo, a negociação com mais de 600 bancos privados internacionais, será mais complexa. "Mas como todas as negociações são difíceis, estou certo de que com determinação e firmeza nós chegaremos lá", disse Marcílio, que na quinta-feira da próxima semana estará em Nova York para um encontro com banqueiros, com os quais o Brasil espera fechar um acordo nos próximos meses.

Marcílio argumentou ainda que, com o acordo fechado com o Clube de Paris, nenhum ano foi sobrecarregado para o pagamento da dívida, ao contrário do que aconteceu em negociações anteriores. "Os acordos de 1983 e 1987 sobrecarregaram os anos de 1989 e 1992", avaliou. "Nós tínhamos esse calombo que agora foi desfeito."

"Um mau acordo é melhor do que uma boa demanda." Essa é a definição do governador paulista Luiz Antônio Fleury Filho sobre o acordo assinado pelo Brasil com o Clube de Paris, segundo disse ontem à repórter Nora Gonzalez. Isso não significa, entretanto, aprovação ou reprovação. Ao contrário, segundo Fleury, não havia outra saída e resta agora aguardar as medidas que serão tomadas. "Espero apenas que não traga mais recessão", disse o governador.

Fleury encaminhou ontem um pedido de análise das cláusulas do acordo a seu secretário para Assuntos Internacionais, Luiz Gonzaga Belluzzo.